

A sexualidade já não será o que era¹

Uma conversa infinita

Bernardo Tanis,² São Paulo

Resumo: O autor propõe uma reflexão sobre a crise das categorias de inteligibilidade do sujeito, articulando a metapsicologia psicanalítica, o construcionismo de gênero e a crítica literária. Baseia-se nas contribuições de Judith Butler, Jacques André, Paul B. Preciado, Patrícia Porchat, Jean Laplanche, André Green e Sigmund Freud. Concentra sua análise no conflito estrutural entre a suposta verdade natural dos sexos e a verdade íntima do sujeito, conflito metaforizado pela imagem da “faca que só tivesse lâmina” de João Cabral de Melo Neto. Argumenta que o objeto cabralino metaforiza o Sexual em sua crueza não simbolizável e a realidade que, ao ser apreendida, faz a imagem rebentar. A clínica contemporânea é convocada a desobstruir a escuta do Sexual, reconhecendo a limitação da linguagem e acolhendo a pluralidade da Erótica, sem recair em normatizações.

Palavras-chave: gênero, inconsciente, Sexual, João Cabral de Melo Neto, limitação da linguagem

*prima e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

A crise das categorias e o objeto cortante

As discussões contemporâneas sobre sexo, sexualidade e gênero impõem à psicanálise uma séria reflexão em torno de alguns dos seus achados considerados universais. Como conservar a riqueza e a potência da descoberta psicanalítica do inconsciente e a sua prática clínica sem sucumbir aos determinantes culturais e preconceitos da época vitoriana, a algumas das imposições ideológicas contemporâneas e aos ataques muitas vezes infundados dos

1 Este trabalho foi apresentado no 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Gramado, RS, em outubro de 2025, na mesa intitulada “A psicanálise interpelada pela cultura: a sexualidade já não será o que era”.

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), da qual foi presidente entre 2017 e 2020. Doutor em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

quais a psicanálise é objeto? Os indivíduos, cada vez mais desvinculados das amarras do binarismo e da heteronormatividade, reivindicam novas formas de ser e existir e de gozo que desafiam estereótipos e pilares teóricos forjados no século 20.

Este trabalho busca explorar, embora de modo não exaustivo, uma intersecção crucial, articulando a metapsicologia psicanalítica (André, 2016; Freud, 1905/2016; Laplanche, 2003/2015), a crítica cultural (Butler, 1990/2003; Preciado, 2014) e um elemento literário, a poesia de João Cabral de Melo Neto, especificamente o poema “Uma faca só lâmina” (1955/2020), que serve como metáfora estruturante, fornecendo uma imagem poética da força, potência e crueza do objeto que habita o corpo, mas que é, ao mesmo tempo, uma “ausência”. Esse objeto, sendo a “lâmina cruel”, metaforiza o Sexual na sua faceta mais indomável, indescritível e inerentemente traumática, como caracterizada por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) e em muitos dos seus trabalhos posteriores, tendo como elemento teórico fundamental a construção do conceito de pulsão, diferenciado do de instinto.

O conflito entre a suposta verdade natural dos sexos e a verdade íntima do sujeito, presente num texto de Rodrigo Lage Leite (2021) inspirado nas ideias de Paul B. Preciado, pode ser compreendido à luz dessa “faca íntima ou faca de uso interno”, a qual, ao se transformar em parte da anatomia, dá ao sujeito “maior impulso”, mas o fere “contra seus próprios ossos”. A clínica é interpelada a manejar a lâmina sem a corromper com o “cabo de madeira” da normatização. O poeta encontra na crueza da imagem da lâmina sem cabo uma versão menos romantizada da sexualidade, sua poética modernista dissolve o eu lírico e nos põe diante da potência bruta do que, em termos psicanalíticos, poderíamos associar à pulsionalidade não subjetiva.

Antes de prosseguir, apresento as primeiras estrofes do poema:

Assim como uma bala
enterrada no corpo,
fazendo mais espesso
um dos lados do morto;

assim como uma bala
do chumbo mais pesado,
no músculo de um homem
pesando-o mais de um lado;

qual bala que tivesse
um vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo

igual ao de um relógio
submerso em algum corpo,
ao de um relógio vivo
e também revoltoso,

relógio que tivesse
o gume de uma faca
e toda a impiedade
de lâmina azulada;

assim como uma faca
que sem bolso ou bainha
se transformasse em parte
de vossa anatomia;

A sexualidade já não será o que era

qual uma faca íntima
ou faca de uso interno,
habitando num corpo
como o próprio esqueleto

de um homem que o tivesse,
e sempre, doloroso,
de homem que se ferisse
contra seus próprios ossos.

Seja bala, relógio,
ou a lâmina colérica,
é contudo uma ausência
o que esse homem leva.

Mas o que não está
nele está como bala:
tem o ferro do chumbo,
mesma fibra compacta.

Isso que não está
nele é como um relógio
pulsando em sua gaiola,
sem fadiga, sem ócios.

Isso que não está
nele está como a ciosa
presença de uma faca,
de qualquer faca nova.

Por isso é que o melhor
dos símbolos usados
é a lâmina cruel
(melhor se de Pasmado):

porque nenhum indica
essa ausência tão ávida
como a imagem da faca
que só tivesse lâmina,

nenhum melhor indica
aquela ausência sôfrega
que a imagem de uma faca
reduzida à sua boca,

que a imagem de uma faca
entregue inteiramente
à fome pelas coisas
que nas facas se sente.

Das mais surpreendentes
é a vida de tal faca:
faca, ou qualquer metáfora,
pode ser cultivada.

E mais surpreendente
ainda é sua cultura:
medra não do que come
porém do que jejua.

Podes abandoná-la,
essa faca intestina:
jamais a encontrarás
com a boca vazia.

Do nada ela destila
a azia e o vinagre
e mais estratégias
privativos dos sabres.

E como faca que é,
fervorosa e energética,
sem ajuda dispara
sua máquina perversa:

a lâmina despida
que cresce ao se gastar,
que quanto menos dorme
quanto menos sono há,

cujo muito cortar
lhe aumenta mais o corte
e vive a se parir
em outras, como fonte.

(Que a vida dessa faca
se mede pelo avesso:
seja relógio ou bala,
ou seja a faca mesmo.)

A desnaturalização e a Erótica: o gume do Sexual

A sexualidade humana, para ser pensada na clínica atual, deve ser concebida como radicalmente desnaturada (André, 2016), uma vez que se desvinculou da finalidade reprodutiva para se tornar um fato de cultura. Encontra sua sustentação na dimensão fantasmática do Sexual, através da qual o imaginário oferece uma multiplicidade de cenas singulares nas quais o Sexual é vivenciado. Não há natureza sexual, a não ser aquela que se tece no universo do imaginário singular inconsciente, modelado por esquemas originados numa determinada cultura (Tanis, 2009, 2014, 2025).

○ Sexual como objeto-lâmina

João Cabral, ao insistir na imagem da faca, da bala e do relógio como objeto interno (“contudo uma ausência”), captura a essência do Sexual freudo-laplanchiano. O Sexual (com S maiúsculo) é a sexualidade infantil perverso-polimorfa, o que, por ser Sexual, é reprovado e, portanto, recalçado (Laplanche, 2003/2015). A faca do poema que “só tivesse lâmina”, sem a bainha da simbolização e sem o cabo da consciência, é a metáfora do Sexual em forma bruta, traumática e enigmática.

O conceito de significante enigmático é central na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, e refere-se à origem do inconsciente no ser humano. É a forma como Laplanche nomeia as mensagens enviadas pelo adulto (em particular, a mãe ou o cuidador primário) à criança (o infans) na chamada situação originária.

O enigma surge de uma assimetria radical (com base na perspectiva da confusão de línguas de Ferenczi) entre o adulto e a criança no campo da sexualidade. O adulto que envia as mensagens é habitado por um inconsciente sexual (o Id) constituído por representações e fantasias. O adulto não sabe tudo o que diz ou transmite, pois sua mensagem está comprometida e infiltrada por seu próprio inconsciente.

As mensagens – embora enviadas sob o pretexto da conservação (alimentar, cuidar), apoio da pulsão – estão contaminadas por uma dimensão sexual inconsciente do adulto. A criança, em estado de desamparo (*Hilflosigkeit*), não tem o código nem a capacidade para uma completa tradução ou simbolização desses elementos de excitação sexual que lhe são impostos exogenamente. Ela se vê forçada a tentar traduzir essas mensagens enigmáticas. O resultado do processo é que a parte que a criança consegue decifrar ou elaborar contribui para a constituição do seu Eu e do nível pré-consciente, enquanto a parte da mensagem que não encontra tradução na criança (o intraduzível) é recalçada

A sexualidade já não será o que era

originalmente. Os restos não traduzidos formam o inconsciente – uma acumulação de significantes dessignificados ou objetos-fonte que Laplanche considera a realidade psíquica inconsciente. O inconsciente é, em Laplanche, essencialmente o resíduo recalçado do Outro.

O poema fala da “lâmina colérica” e da “impiedade de lâmina azulada”, o que ressoa com a ideia do inconsciente parental atuando como ruído de violência não simbolizada na sedução generalizada (Laplanche, 2003/2015). A potência do Sexual, que Laplanche define não apenas como traumática, mas como objeto-fonte da pulsão, um campo de possibilidades para a constituição plural do erotismo humano, é descrita no poema como lâmina “fervorosa e energética”, que “cresce ao se gastar” e “vive a se parir em outras, como fonte”. O Sexual é, portanto, o motor vital e insaciável do psiquismo, cuja fonte nasce do encontro com o Outro.

A cultura da faca: jejum, maré baixa e ressurgimento

A natureza da faca é surpreendente: “medra não do que come porém do que jejua”. Essa imagem precisa contrasta com o instinto, que se satisfaz com o objeto específico, e se alinha à pulsão, que é insaciável e sempre avança. Fala da dimensão desejanse, movida pela ausência e pela insatisfação.

O poema também aborda a “maré baixa da faca”, um estado de apatia em que o sujeito se torna uma “neutra substância, quase feltro, que é a das almas que não têm facas-esqueleto”. Essa descrição da neutralidade anímica corresponde ao risco da normatização e da patologização na cultura. Freud, em “As pulsões e seus destinos” (1915/2010b), recorre à ideia de destinos pulsionais – entre eles, a sublimação. Isso também será objeto de profunda discussão em *Totem e tabu* (1912-1913/2012), *Além do princípio do prazer* (1920/2010a), *O Eu e o Id* (1923/2011) e *O mal-estar na civilização* (1930/2010c). A pulsão e seu embate com o processo civilizatório, bem como os modo de gozo, nunca deixaram de ser um interrogante que motivou Freud a avançar em suas reflexões para além das questões de gênero.

O recalque, ao cegar a lâmina, a transforma em “bala de couro ou pano”, degradando o objeto vivo e revoltoso em algo sem vértebras. A lâmina só ressurge, “com todos seus cristais”, quando a maré já nem se espera mais, sugerindo que o retorno do recalçado é violento e incontornável.

Gênero, crítica e a lâmina performativa

O construcionismo de gênero, desenvolvido inicialmente por Butler em vários trabalhos críticos, ao desvendar a “verdade natural dos sexos” como

uma construção estética e política (Preciado, 2014), utiliza uma linguagem que ecoa a crueza da lâmina cabralina.

A força cortante da performatividade

A teoria de Judith Butler define o gênero como um *ato performativo* (Porchat, 2010), uma imitação que produz a própria noção de original (do real). Butler se inspira nas ideias do linguista Austin sobre os atos performativos da linguagem, no seu interessante livro *Quando dizer é fazer* (1962/1990). O gênero não é uma essência, mas um efeito de atos repetidos e ritualizados que simulam a existência de um original. A designação de gênero (“É uma menina!”, “É um menino!”) é um efeito de linguagem que, pelo ato de nomear, performa (faz advir o que é nomeado). Como explica Patrícia Porchat (2010), a performatividade de gênero é o veículo pelo qual efeitos ontológicos são estabelecidos. O gênero, o Eu e a pessoa, como formas de descrever os seres humanos, derivam de uma ilusão de substância. Não há necessidade de existir um agente por trás do ato, pois se performam atos repetidos cotidianamente, automatizados desde a infância, que causam a impressão de pertencer a determinado gênero.

O cerne da crítica de Butler reside na noção de *gêneros não inteligíveis*, que se refere à ausência de coerência presumida entre sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática sexual. Os gêneros só se tornam inteligíveis quando esses quatro itens aparentam uma concordância, como no caso da heterossexualidade. Butler se preocupa com o direito de existência legítima dos transexuais, dos transgêneros e, igualmente, dos homossexuais, operando um deslocamento da patologia para a política.

A construção estética da diferença sexual e a fragilidade da norma

Paul B. Preciado (2014) desnuda o mecanismo de normatização do corpo ao analisar os protocolos de atribuição de sexo a bebês intersexuais. A lógica é a da industrialização dos sexos, que impõe a coerência do corpo como sexuado, com critérios de atribuição que são, em última instância, estéticos (como ter uma “protuberância pélvica do tamanho apropriado” para o masculino), e não científicos. A recusa em tolerar a ambiguidade do corpo intersexual manifesta a verdade natural dos sexos como uma construção tecnológica e teatral.

A crítica se estende à heterossexualidade, vista não como um dado natural, mas como a posição sexual mais cômica, que ignora ser apenas uma

A sexualidade já não será o que era

posição entre outras e se toma pela norma. A heterossexualidade precisa se reproduzir ritualmente porque a natureza não a garante, e ela precisa vencer o sentimento de sua própria fragilidade constitutiva.

A lâmina cabralina é a imagem da “violência limpa” e da “agudeza feroz” que se exige da própria construção do gênero. O sujeito trans ou queer, ao assumir uma identidade fora da coerência binária, está submetido à “faca de uso interno”, que o crispa ao mesmo tempo que exerce um “ímpeto de lâmina e cio de arma branca” contra a norma. O “gosto do deserto” e o “estilo das facas” traduzem a “eletricidade” e a “violência limpa” do ato de se construir fora do gabarito.

A heterossexualidade fragilizada e o arame farpado

A crítica à heterossexualidade como posição sexual que se toma por norma encontra ressonância na necessidade de “câmaras severas” e “agreste de ar aberto” para conservar a lâmina. A heterossexualidade precisa se reelaborar, se reproduzir ela mesma ritualmente em todo lugar, dirá Jacques André (2016), porque a natureza não é garantia – voltamos à ideia freudiana de polimorfismo da sexualidade. O ar severo e o “sol do Nordeste, à febre desse sol que faz de arame as ervas”, serão acaso o pano de fundo da cultura, que precisa se tornar dura e cortante para manter a fragilidade da norma?

O poema alerta que o objeto não suporta a “umidade que criam salivas de conversas, tanto mais pegajosas quanto mais confidências”. Essa imagem poética é uma advertência contra o perigo da domesticação do Sexual pela linguagem social e pela “umidade” da sentimentalização, que tende a cegar a lâmina. Não surpreende que hoje muitos analistas recorram a uma perversão da ideia de empatia e continência, oferecendo certo colo afetivo que, de alguma forma, retoma o lirismo romântico do encontro de dois Eus e que mascara e/ou neutraliza o fio cortante do Sexual, a dimensão terceira da estranheiridade do inconsciente.

○ determinismo psíquico: o esqueleto oculto

Avancemos para o ponto de maior tensão entre o construcionismo e a teoria psicanalítica sobre o Sexual. Vale dizer que para a psicanálise há uma irreduzibilidade do inconsciente ao social. Irreduzibilidade não significa recusa do social ou não afetação por ele, mas uma demanda de trabalho para inteligir o modo de entrelaçamento – ver, por exemplo, o interessantíssimo trabalho de Silvia Bleichmar (2004) a esse respeito. A psicanálise, ao insistir

na “faca-esqueleto” do sujeito, que é a sua constituição psíquica, afasta-se de qualquer noção de liberdade *total* de escolha.

○ inconsciente não democrático e o corte

O inconsciente é definido por Jacques André (2016) como não democrático: ele goza na submissão ou na dominação, e a igualdade e a moral lhe são alheias. Não podemos deixar de repetir isso até para os psicanalistas, que insistem muitas vezes na sua domesticação. André Green (1995/1997), num belíssimo, potente e provocante trabalho para um congresso, intitulado “Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?”, critica a psicanálise que insiste em enxergar a situação analítica e a transferência apenas como reprodução de uma maternagem, uma atualização de cuidados maternos e relações de objeto quase dessexualizados. Não é uma crítica a Winnicott, a quem admirava profundamente, nem a Bion, com quem compartilhava a importância fundamental do negativo, mas àqueles que pasteurizam a transferência com “boas intenções”.

O sexo psíquico levará sempre a melhor sobre o sexo anatômico: “A anatomia imaginária é o destino” (André, citado por Leite, 2021, p. 221).

Essa determinação psíquica, que é o “oculto esqueleto” do homem, é a “faca que sem bolso ou bainha se transformasse em parte de vossa anatomia”. É o objeto que está “habitando num corpo como o próprio esqueleto”, sendo menos alterável que o determinismo social. A lâmina, ao morder o corpo humano, “lhe mantendo vivas todas as molas da alma”, demonstra que o conflito interno é a fonte da lucidez e da intensidade do sujeito, que “vai fio contra fios”. A dor é a própria condição para o sujeito se manter “desperto”.

A limitação da linguagem e a realidade

João Cabral, crítico do “almoxarifado só [de] palavras extintas” dos homens que lidam com palavras, aponta a limitação da linguagem para capturar a crueza do objeto. A lâmina é o que dá ao operário “olhos mais frescos para o seu vocabulário” e o ensina a obter “a agudeza feroz” de um material doente. O Sexual (a faca) é o que permite à linguagem ter “nitidez de agulha e presença de vespa”.

O último movimento do poema é a rendição da imagem “à presença da realidade, prima, que gerou a lembrança e ainda a gera, ainda”. A realidade é “tão violenta que ao tentar apreendê-la toda imagem rebenta”.

Esta é a última advertência do poema: a realidade psíquica e a Erótica (Posadas, 2023) do sujeito transcendem a capacidade total de simbolização e

A sexualidade já não será o que era

de *apreensão* da linguagem. O trabalho de análise é apenas a volta da imagem, mas a realidade é o ponto de rebentamento. Freud, em *O mal-estar na civilização* (1930/2010c), “Análise terminável e interminável” (1937/2018a) e “Construções na análise” (1937/2018b), nos deixa esse legado.

A ética da escuta: o fio contra fios na clínica

A clínica psicanalítica contemporânea deve assumir o desafio ético de lidar com a faca-esqueleto do sujeito, evitando que a escuta se torne retraumatizante (somos herdeiros de Ferenczi).

Preservar a lâmina contra a corrupção da norma

A ética clínica é definida no poema pela frase: “O importante é que a faca o seu ardor não perca e tampouco a corrompa o cabo de madeira”.

O ardor da faca representa a verdade íntima do sujeito, a potência do Sexual, o “impulso” que a lâmina confere. O analista deve trabalhar para desobstruir a sua escuta, para acolher essa potência e essa crueza que é a fonte do desejo do sujeito.

O cabo de madeira é a normatização, o domínio do Ideal do Eu e das possibilidades do Supereu – e, por que não dizer, nos dias de hoje, da dimensão inconsciente das suas ideologias. A corrupção é o risco de a lâmina “degenerar em couro”, ou seja, de o Sexual ser enquadrado em estereótipos comportamentais que desvalorizaram e desinvestiram as características genuínas do sujeito – voltamos aos preconceitos e ideologias. Estaremos imunes ao risco de um olhar julgador e prescritivo do analista, que atua como o cabo que corrompe o aço?

A arte de sofrer e a travessia

O poema propõe que a lâmina deve ser manejada em “agreste de ar aberto”, “ao sol do Nordeste”, para ser melhor sofrida. Esse páramo é a metáfora do setting analítico, um espaço sem a “umidade” das conversas cotidianas, que permite ao sujeito encarar o “relâmpago” da sua verdade.

O psicanalista deve estar preparado para o “gosto do deserto” e para o fato de que a faca ou a bala são insolúveis: “ninguém do próprio corpo poderá retirá-la”. Nem a medicina, “nem ainda a polícia com seus cirurgiões” podem extirpar o objeto. O inconsciente sexual é condição do sujeito freudiano. O objeto (faca/lâmina) é condição do sujeito cabralino.

A clínica se torna a arte de “sofrer aquela lâmina e seu jato tão frio”, para que o sujeito, “lúcido e insone”, possa “ir fio contra fios”.

A conversa infinita

A intersecção entre a psicanálise, os estudos de gênero e a poesia de João Cabral revela que a crise das categorias não é um sinal de colapso, mas de intensificação da vida psíquica. O Sexual, como a “faca que só tivesse lâmina”, é a força propulsora, o enigma e o corte que definem o sujeito.

O título “A sexualidade já não será o que era: uma conversa infinita” resume a dupla conclusão do trabalho: o reconhecimento de que a sexualidade “já não será o que era” (com a superação do binarismo) e a certeza de que a exploração do Sexual é uma “conversa infinita”. O trabalho da psicanálise é, portanto, manter a agudeza da lâmina (o Sexual), combatendo a corrupção do cabo (a norma) e usando as palavras para ganhar “olhos mais frescos” para a “realidade, prima, que gerou a lembrança e ainda a gera, ainda”, mesmo que, ao tentar apreendê-la, “toda imagem rebente”.

La sexualidad ya no será lo que era: una conversación infinita

Resumen: El autor propone una reflexión sobre la crisis de las categorías de inteligibilidad del sujeto, articulando la metapsicología psicoanalítica, el construccionismo de género y la crítica literaria. Se basa en las contribuciones de Judith Butler, Jacques André, Paul B. Preciado, Patrícia Porchat, Jean Laplanche, André Green y Sigmund Freud. Centra su análisis en el conflicto estructural entre la supuesta verdad natural de los sexos y la verdad íntima del sujeto, conflicto metaforizado por la imagen del “cuchillo que solo tenía hoja” de João Cabral de Melo Neto. Argumenta que el objeto cabralino metaforiza lo Sexual en su crudeza no simbolizable y la realidad que, al ser aprehendida, hace estallar la imagen. La clínica contemporánea está llamada a desobstruir la escucha de lo Sexual, reconociendo la limitación del lenguaje y acogiendo la pluralidad de lo Erótico, sin caer en normativizaciones.

Palabras clave: género, inconsciente, Sexual, João Cabral de Melo Neto, limitación del lenguaje

Sexuality will no longer be what it used to be: an endless conversation

Abstract: The author proposes a reflection on the crisis of the categories of intelligibility of the subject, articulating psychoanalytic metapsychology, gender constructionism, and literary criticism. He bases his arguments on the contributions of Judith Butler, Jacques André, Paul B. Preciado, Patrícia Porchat, Jean Laplanche, André Green, and Sigmund Freud. He focuses his analysis on the structural conflict between the supposed natural truth of the sexes and the intimate truth of the subject, a conflict metaphorized by João Cabral de Melo Neto’s image of “the knife

A sexualidade já não será o que era

that only had a blade.” He argues that Cabral’s object metaphorizes the Sexual in its unsymbolizable rawness and the reality that, when apprehended, causes the image to burst. Contemporary clinical practice is called upon to unblock the listening to the Sexual, recognizing the limitations of language and embracing the plurality of Erotics, without resorting to standardization.

Keywords: gender, unconscious, Sexual, João Cabral de Melo Neto, limitations of language

La sexualité ne sera plus ce qu’elle était : une conversation infinie

Résumé : L’auteur propose une réflexion sur la crise des catégories d’intelligibilité du sujet, en articulant la métapsychologie psychanalytique, le constructionnisme de genre et la critique littéraire. Il fonde son argumentation sur les contributions de Judith Butler, Jacques André, Paul B. Preciado, Patrícia Porchat, Jean Laplanche, André Green et Sigmund Freud. Il concentre son analyse sur le conflit structurel entre la vérité naturelle supposée des sexes et la vérité intime du sujet, conflit métaphorisé par l’image du « couteau qui n’avait que la lame » de João Cabral de Melo Neto. Il soutient que l’objet cabralien métaphorise le Sexual dans sa crudité non symbolisable et la réalité qui, lorsqu’elle est appréhendée, fait éclater l’image. La clinique contemporaine est appelée à dégager l’écoute du Sexual, en reconnaissant les limites du langage et en accueillant la pluralité de l’Erotisme, sans retomber dans les normativisations.

Mots-clés : genre, inconscient, Sexual, João Cabral de Melo Neto, limites du langage

Referências

- André, J. (2016). *Quel genre de sexe?* [Apresentação de trabalho]. Reunião da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Austin, J. L. (1990). *Quando dizer é fazer: palavras e ação* (D. M. Souza Filho, Trad.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bleichmar, S. (2004). Límites y excesos del concepto de subjetividad en psicoanálisis. *Revista Topía*, 14(40), 91-97.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 51-81). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2018a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2018)
- Freud, S. (2018b). Construções na análise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 327-344). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2018)
- Green, A. (1997). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise*, 11, 217-229. (Trabalho original publicado em 1995)
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o Sexual. In J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (V. Dresch & M. Marques, Trad., pp. 154-159). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2003)
- Leite, R. L. (2021). Preciado, Laplanche, Freud: desobstruindo a escuta psicanalítica do Sexual. *Jornal de Psicanálise*, 54(100), 213-231.
- Melo Neto, J. C. (2020). Uma faca só lâmina. In J. C. Melo Neto, *Poesia completa*. <https://a.co/d/f4nHr8Y> (Trabalho original publicado em 1955)
- Posadas, M. (2023). A vida erótica dos preconceitos: infantilismo transfóbico e suas implicações para a clínica psicanalítica contemporânea. *Calibán*, 21(1), 64-73.
- Porchat, P. (2010). Gênero, práticas psi e subjetividades. *Revista de Psicologia da Unesp*, 9(1), 116-122.
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual* (M.-H. Bourcier, Trad.). N-1.
- Tanis, B. (2009). Algumas pontuações em torno das raízes socioculturais das compulsões. *Ide*, 32(49), 177-191.
- Tanis, B. (2014). Permanências e mudanças no lugar do analista: desafios éticos. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 181-192
- Tanis, B. (2025). *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. Blucher.

Recebido em 5/11/2025, aceito em 14/11/2025

Bernardo Tanis

bernardo.tanis@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n4.08